

DA ESCOLA INFORMAL DE ALFAIATES À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DO VESTUÁRIO EM JARAGUÁ DO SUL

From Informal Tailoring School to Professional Clothing Education in Jaraguá do Sul

Theis, Mara Rubia; Doutoranda; Universidade Federal de Santa Catarina,
marubiat@ifsc.edu.br¹

Mardula, Emanoela; Bacharelado; Instituto Federal de Santa Catarina,
emanoela@ifsc.edu.br²

Merino, Eugenio Andrés Díaz; Doutor; Universidade Federal de Santa Catarina;
eugenio.merino@ufsc.br³

Grupo de Pesquisa em Moda, Artes, Ensino e Sociedade;
Núcleo de Gestão de Design e no Laboratório de Design e Usabilidade

Resumo: Este estudo objetiva delinear o contexto histórico da educação informal dos alfaiates à educação profissionalizante (modelagem e costura), que atendia a produção do vestuário e a qualificação da mão de obra, em Jaraguá do Sul, fatores que tecem o prelúdio do ensino superior na área de Design de Moda. É de natureza teórica, qualitativa, para a qual desenvolveu-se uma revisão de literatura e análise documental, com o recorte temporal entre 1850 e 2004, e contempla a proliferação da indústria do vestuário.

Palavras chave: ensino; educação profissional; indústria do vestuário.

Abstract: This study aims to outline the historical context of the informal education of tailors to professional education (patternmaking and sewing), to the clothing production and the workforce qualification in Jaraguá do Sul, factors that weave the prelude of higher education in the area of Fashion Design. It is of a theoretical and qualitative nature, for which a literature review and document analysis were developed, the time frame between 1850 and 2004, and contemplates the proliferation of the clothing industry.

Keywords: teaching; professional education; clothing industry.

Introdução

A “escola informal” para os aprendizes do ofício de alfaiataria constituiu-se no espaço do trabalho, no qual os mestres de ofício compartilhavam o conhecimento e as habilidades da profissão com seus aprendizes. Aued e Eissler (2006), relatam o cenário dos alfaiates em Jaraguá do Sul, a

¹Doutoranda em Design pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestra em Design; Bacharel em Design de Moda. Professora no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC/JAR), atua nas áreas de Design de Moda e Modelagem do Vestuário. Pesquisadora nos temas relacionados ao design de moda; ergonomia; métodos cartesianos de desenho e modelagem do vestuário; processos criativos.

²Mestranda em Design de Vestuário e Moda (UDESC), Bacharel em Design de Moda. Técnica de Laboratórios Moda/Têxtil no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC/JAR).

³Professor Titular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no Programa de Pós-graduação em Design e Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção. Coordena o Núcleo de Gestão de Design e o Laboratório de Design e Usabilidade. Pesquisador PQ 1A, no CNPq.

partir de dados obtidos em entrevistas, e também no Livro de Registros de Impostos sobre Indústrias e Profissões. Dentre as fontes que referem-se a formalização educacional, Cintra (2004) apresenta o processo de aprendizado formal do ofício de alfaiate (1913-1968), no curso do Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina (atual IFSC), em Florianópolis.

O percurso do ofício de alfaiate é secular, os primeiros registros da profissão na Europa, foram na Idade Média (entre século XII - XIV), quando era exercida apenas por pessoas do sexo masculino. Já o período do Renascimento, no século XVI, traz consigo o desenvolvimento das fábricas de tecidos, instrumentos que facilitaram os estudos geométricos do corpo humano e a produção do vestuário (BEDUSCHI, 2013; EMÍDIO, 2018). Em Belschansky (2011), encontram-se documentos de 1675 que ‘autorizaram’ mulheres a trabalharem como costureiras, com limitações para o vestuário infantil e roupas íntimas femininas. Assim, entende-se que as técnicas de modelagem e confecção do vestuário são antecessoras à profissão de modelista, mas percebe-se a necessidade de formalizar procedimentos no ensino de modelagem e a demanda por métodos de ensino formais. O século XXI apresenta um cenário promissor para a indústria do vestuário e diversos profissionais da área, fator que impulsionou a implantação de cursos técnicos e de graduações (BELSCHANSKY, 2011).

Registros históricos indicam que inúmeros imigrantes europeus, alfaiates e profissionais com competências têxteis instalaram-se nas Mesorregiões do Norte Catarinense e do Vale do Itajaí em Santa Catarina, as quais, ao longo dos anos, transformaram-se em centros representativos da industrialização e da economia do estado. As demandas da industrialização no estado, têm sido organizadas a partir da composição da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC) e do “Sistema S⁴”. Identificou-se a criação de políticas públicas para o ensino profissionalizante concomitante à diversificação na economia durante o século XX, momento da emergência da indústria da confecção na região, ocorrido entre as décadas de 1980 e 1990 (DUCLÓS, 2015).

A partir do exposto, este estudo objetiva delinear o contexto histórico da educação informal dos alfaiates à educação profissionalizante (modelagem e costura), que atendia a produção do

⁴O Sistema S, composto por nove instituições: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI); Serviço Social do Comércio (SESC); Serviço Social da Indústria (SESI); Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (SENAC); Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequena Empresa (SEBRAE); Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP); Serviço Social dos Transportes (SEST); Serviço Nacional de Aprendizagem dos Transportes (SENAT); Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR).

vestuário e a qualificação da mão de obra, em Jaraguá do Sul, fatores que tecem o prelúdio dos cursos técnicos e de graduação na área de Design de Moda. Esse estudo é de natureza teórica, qualitativa, para a qual desenvolveu-se uma revisão de literatura e análise documental pautada em Leis, teses, dissertações, artigos, livros e documentos institucionais. O levantamento apresenta um recorte temporal entre 1850 e 2004, e contempla, da proliferação da indústria do vestuário à consolidação do ensino superior na área de modelagem e de moda no Brasil. Este artigo apresenta resultados parciais do projeto interinstitucional, intitulado “Escolas de Artes e Ofícios do Brasil: história, propostas formativas e continuidades na formação do Bacharelado em Design de Moda”, coordenado pela professora Mara Rúbia Sant’Anna, em andamento (publicação prevista para 2023).

Ao acompanhar a trajetória de instituições como o SENAI/JS e o IFSC/JS, observou-se que interesses políticos e econômicos, a exemplo da década de 1990, provocaram descontinuidades na história educacional e dualidades entre a educação reflexiva e o ensino profissionalizante, o trabalho manual e intelectual (FLORIANI, 2005). A linha do tempo que delimita a evolução da aprendizagem industrial, considerou como as origens do saber fazer dos artesãos e mestres de ofício, impregnou os processos de ensino e aprendizagem dos cursos técnicos e tecnólogos.

Na sequência, é apresentado um breve contexto histórico, político e econômico de Santa Catarina, envolvendo sua composição educacional e industrial, com foco na área têxtil e de confecção; e uma síntese dos eventos que formaram a cidade de Jaraguá do Sul, desde a escola informal, com processos de aprendizado entre mestres e aprendizes de alfaiates à educação profissionalizante. Identificou-se que essa formação para a indústria se alterna na dicotomia de uma educação de curto prazo, de nível técnico-operacional para operadores de maquinários e com salário baixos; ou com a graduação, dispendiosa (recursos financeiros e tempo), nem sempre acessíveis.

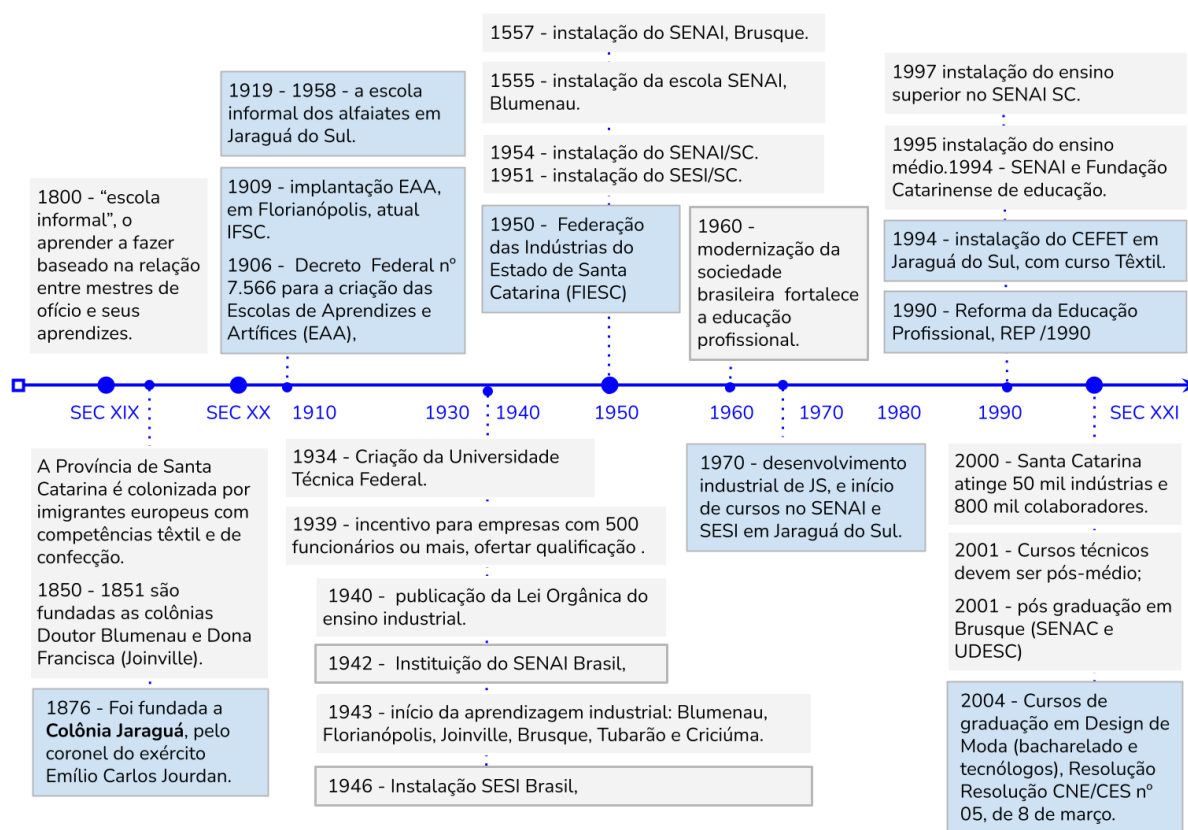
Contexto histórico de Santa Catarina: política, educação e industrialização

A região nordeste de Santa Catarina apresenta prosperidade econômica, com destaque para o setor têxtil e de confecção, em três cidades: Blumenau, que lidera o ranking de empregos na área com 13,8% do total de postos de trabalho do estado, Brusque com 9,8% e Jaraguá do Sul com 7,8%. (OBSERVATÓRIO FIESC, 2020). Essas três cidades apresentam traços comuns, tanto na sua história quanto em seu desenvolvimento econômico, político e social, com raízes na colonização

européia e percursos até o estabelecimento de um parque fabril têxtil.

As primeiras colônias fundadas no nordeste de Santa Catarina, foram Doutor Blumenau (1850) e Dona Francisca (1851), atual cidade de Joinville. A Colônia Jaraguá foi fundada em 1876, atual Jaraguá do Sul, que embora seja mais jovem, foi favorecida por sua localização geográfica e a linha ferroviária para importar e exportar mercadorias (DUCLÓS, 2015). A Figura 1 apresenta uma síntese das datas mais relevantes relacionadas à trajetória educacional em Jaraguá do Sul (na cor azul).

Figura 1: Linha do tempo, a trajetória educacional para qualificar trabalhadores em SC



Fonte: elaborado pelos autores baseado em Duclós (2015)

O desenho da trajetória educacional catarinense, iniciada no século XIX, contém a “escola informal” presente na confecção do vestuário, iniciada com o “aprender fazendo” nas alfaiatarias, fator que evidencia a capacitação constituída na relação dos mestres de oficina com seus aprendizes

(CUNHA, 2005b; FLORIANI, 2005; DUCLOS, 2015). No âmbito feminino, constituiu-se uma rede de aprendizado doméstico, onde prevalecia uma formação intergeracional (AUED; EISSLER 2006).

No panorama nacional, tem-se a implantação educacional desde 1808, quando foram criadas as instituições de ensino superior (para o exército e administração do Estado). Já a educação profissional, era basicamente voltada para pessoas que trabalhavam com “ofícios manufatureiros, sendo então ministrada em academias militares, em entidades filantrópicas e nos liceus de artes e ofícios” (FLORIANI, 2005, p. 32). A criação das Escolas de Aprendizes e Artífices (EAA), foi efetuada por Nilo Peçanha, sob o Decreto Federal nº 7.566 de 1906, indicando sua instalação nas 19 capitais brasileiras (FLORIANI, 2005; CUNHA, 2005a).

No percurso das décadas finais do século XIX e início do século XX, ocorreram processos que geraram o aumento populacional nas cidades, a imigração de estrangeiros e impulsionou a industrialização. A educação formal estava a cargo do poder público e como incremento da industrialização e dos processos de urbanização, foram criadas no Brasil as instituições de ensino público gratuito, a exemplo da “escola normal” e das escolas profissionalizantes, a Escola de Aprendizes Artífices - EAA. Em Santa Catarina, foi instituída EAA/SC na capital, Florianópolis, no ano de 1910, sob a direção de Heitor Blum, com oferta da oficina de alfaiates. A instituição alterou o nome e a conjuntura pela Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937, sendo reconhecido como Liceu Industrial de Santa Catarina apresentou nova organização de ensino profissional especializado (FLORIANI, 2005; CINTRA, 2006). A dissertação de Cintra (2004), versa sobre o percurso do aprendizado do ofício de alfaiates da época e seus obstáculos, como o perfil de jovens de origem humilde, com dificuldades em acessar as necessidades básicas (roupas e alimentos) e o despreparo dos mestres de oficina. Porém, mesmo diante desse cenário, os aprendizes, ainda com o curso incompleto, conseguiam trabalho nas oficinas catarinenses.

O Brasil apresentava crescimento urbano e os estímulos políticos visavam o desenvolvimento econômico, por meio de ações como a criação da Universidade Técnica Federal, em 1934 por Getúlio Vargas. Nos anos seguintes, o governo instituiu a qualificação profissional para as indústrias com mais de 500 operários, definiu a Lei Orgânica do Ensino industrial em 1940, e no ano de 1942, o presidente Getúlio Vargas assinou o Decreto nº 10.009, que criava o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). Devido ao baixo percentual (apenas 16,5%) de

trabalhadores catarinenses capacitados para a indústria, em 1943, foram implantadas sedes do SENAI nas cidades de Florianópolis, Blumenau, Joinville, Brusque, Tubarão e Criciúma (DUCLÓS, 2015, p. 42). Em 1946, foi instituído pelo presidente Gaspar Dutra o Serviço Social da Indústria (SESI), subordinado à Confederação Nacional da Indústria (CNI), entidade que chegou em Santa Catarina somente na década seguinte, em 1951. A concepção do SESI tinha como premissa o assistencialismo e o suprimento de necessidades básicas envolvendo as famílias dos operários, com o objetivo de proporcionar aos trabalhadores e seus dependentes, uma melhor qualidade de vida e consequentemente, promover o bem-estar social (DUCLÓS, 2015).

Foi também no início da década de 1950, que o governador catarinense Celso Ramos apostou no associativismo para estimular o desenvolvimento do Estado, articulou proposições junto aos empresários e líderes sindicais. Assim, deu-se início à Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC) e do Sistema S, com o propósito de oferecer soluções para as demandas do parque industrial catarinense. Dentre os objetivos, organizar o ensino profissionalizante e acompanhar as estratégias das políticas públicas, fomentando o empreendedorismo das empresas catarinenses (DUCLÓS, 2015). Em 1º de Janeiro de 1954, foi criado o SENAI em Santa Catarina por meio da portaria número 33/35, de 1º de outubro de 1953, registrado como a primeira conquista da FIESC, sob direção de Celso Ramos. Na época, o censo mostrava a presença de 100 ofícios diferentes no estado, com cerca de 18 mil trabalhadores sem conhecimentos técnicos em suas funções. Segundo Duclós (2015), a partir destes dados, considerando a diversidade industrial, foi iniciado o projeto de estruturação dos cursos a serem ofertados nas unidades do Estado:

[...] Pois inovar é também ensinar e aprender. O artesão que veio da Alemanha como mestre da fabricação têxtil ou de vestuário é um exemplo. Ele repassou seus conhecimentos para aprendizes que elevaram o nome de empresas, tornando-as famosas, como a Hering e a Döhler, das regiões de Blumenau e Joinville. Essa tendência, do ensino e aprendizado, tornou-se constante e chegou ao apogeu com a criação das unidades do SESI e do SENAI de Santa Catarina, (DUCLÓS, 2015, p. 8).

Na década de 1960, o movimento de modernização da sociedade e indústria brasileira fortaleceu a educação profissionalizante, consolidou o Sistema S com a instalação de sedes do SENAI e SESI em diversas cidades catarinenses, dentre elas Jaraguá do Sul, em 1970.

A Reforma da Educação Profissional (REP/1990) buscou o alinhamento à proposta internacional de aprimorar a qualidade e equidade da educação, com vistas em atender as demandas

econômicas. A prosperidade da indústria têxtil e de confecção, impulsionou a ampliação de vagas nos cursos profissionalizantes na cidade Jaraguá do Sul. Em 1994, foi instalada uma unidade Escola Técnica Federal de Santa Catarina (ETF-SC) em Jaraguá do Sul (atual IFSC), com apoio de empresários (nas áreas de eletromecânica e têxtil), um dos cursos, de Ensino Médio com afinidade Têxtil (FLORIANI, 2005). No mesmo ano, o Sistema S e o governo do estado criaram a Fundação Catarinense de Educação e, em 1995, promoveu-se a instalação do ensino médio, seguindo-se no ano de 1997 com a instalação do ensino superior no SENAI/SC (DUCLÓS, 2015).

Na sequência, ainda na mesma década, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394/1996, propôs outra reforma educacional, ampliando a dicotomia entre educação e formação profissional, implementada pelos governos Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) e Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011). Com essas legislações, os cursos de Ensino Médio foram totalmente separados da educação profissional, tendo a educação propedêutica a conotação para as capacidades intelectuais, enquanto a educação profissional, apenas como a preparação para o trabalho. Por fim, nessa perspectiva legislativa, os cursos técnicos passaram a ser pós-médio (2001).

Nos anos 2000, o SENAI e o SENAC passaram a ofertar cursos regulares de ensino médio em Santa Catarina, além de cursos técnicos e tecnólogos na área de moda tendo como base a metodologia de Ensino por Competências, com foco na formação do profissional de acordo com as exigências do mundo do trabalho. Em Jaraguá do Sul, no ano de 2004, o IFSC/JS manteve o Curso Técnico Têxtil em Malharia e Confecção e implantou o Curso Técnico em Moda e Estilismo (até 2019), posteriormente, a Lei Nº 11.892/2008 que instituiu o IFSC, e alterou as diretrizes dos cursos como a Modelagem do Vestuário (de nível médio) e tecnólogo em Design de Moda. É nesse momento, na virada do século XX para o XXI, que também surgem no estado os primeiros cursos de graduação na área de moda, com denominações invariavelmente voltadas para o estilismo. No ano de 2004, o MEC apresentou as Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Design de Moda (bacharelado e tecnólogos), pela Resolução CNE/CES nº 05 de 8 de março, enquadrando os cursos da área no eixo tecnológico de Produção Cultural e Design.

Jaraguá do Sul: processos de aprendizado entre mestres e aprendizes à educação profissionalizante

A Colônia Jaraguá, fundada em 25 de julho de 1876 pelo coronel do exército Emílio Carlos Jourdan, traz em sua história ter sido uma propriedade presenteada à Princesa Isabel e ao Conde D'Eu, por ocasião de seu casamento. Segundo registros históricos, Aued e Eissler (2006) relatam que nos planos do empreendedor Jourdan, já constava a construção de uma ferrovia, mas foi o trabalho de colonos brasileiros e estrangeiros junto ao setor primário, que abriram os caminhos para o progresso.

Já em 1919, de acordo com o Livro de Registros de Impostos sobre Indústrias e Profissões, consultado por Aued e Eissler (2006, p. 94), havia diversidade de profissionais em Jaraguá do Sul, “[...] podemos dizer que a vida na colônia era assegurada por ferreiros, seleiros alfaiates e marceneiros, barbeiros, dentistas, pombeiros, entre outros”, Aued e Eissler (2006), relatam o cenário em Jaraguá do Sul (1919-1950), onde a “escola informal” para os aprendizes do ofício de alfaiataria ocorria no mesmo espaço de trabalho, mas, sabiam da existência do curso de alfaiates no Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina, em Florianópolis (1913-1968).

Na década de 1950, consta a existência de um alfaiate em cada bairro do município de Jaraguá do Sul. As relações de trabalho na Alfaiataria estabeleciam-se como subordinação ou parceria entre os trabalhadores alfaiates, onde poderia haver uma ou mais pessoas trabalhando. A Alfaiataria é descrita por Aued e Eissler (2006), como um espaço de trabalho e de socialização, de convívio social (ainda na década de 1990), um local que permitia a veiculação de informações orais, os conhecimentos de seus processos produtivos com seus aprendizes, onde compartilhavam informações das regiões circunvizinhas, e contribuíam na superação de desafios, como o fator das línguas estrangeiras, e ainda fomentavam a formação de laços de amizade.

Os mestres alfaiates eram praticamente todos de origem estrangeira, desejavam trabalhar como autônomos, traziam consigo o conhecimento e as habilidades da profissão. Esses alfaiates eram homens qualificados, considerados empreendedores de seu tempo, mantinham aptidões para o desenvolvimento de seu trabalho e para atender as necessidades e desejos do usuário em “vestir um bom terno”. Os aprendizes do ofício de alfaiate tinham em torno de 13 e 15 anos de idade, e o

tempo de aprendizado era em média três anos, sendo um ano e meio para aprender a fazer calça, e outro período para aprender o paletó. Os autores Aued e Eissler (2006) registram que a profissão de alfaiate era de domínio masculino e as mulheres que aprendiam o ofício, eram suas filhas ou esposas, mas, que apenas os auxiliavam nas costuras. Outras, ainda, tornavam-se costureiras e modistas. As fábricas e seus processos industriais trouxeram as operações padronizadas e com isso, a necessidade da produção em série e de acelerar o trabalho, exigiram novas habilidades e competências para o setor de confecção.

A década de 1960 foi marcada por um processo de modernização da sociedade brasileira, um contexto que descreve o ser humano como “assistente” das máquinas automáticas. A oferta do vestuário pronto, com variedade de tamanhos, à disposição em diferentes lojas, com preços mais acessíveis, desfavorece a profissão do alfaiate. O estabelecimento deste cenário permite questionar se “há correlação entre o declínio da alfaiataria para ascensão do pólo Têxtil de Jaraguá do Sul?” (AUED; EISSLER, 2006, p. 32). Segundo os autores supracitados, alguns desses alfaiates que tornaram-se sócios de empresas em Jaraguá do Sul⁵, que:

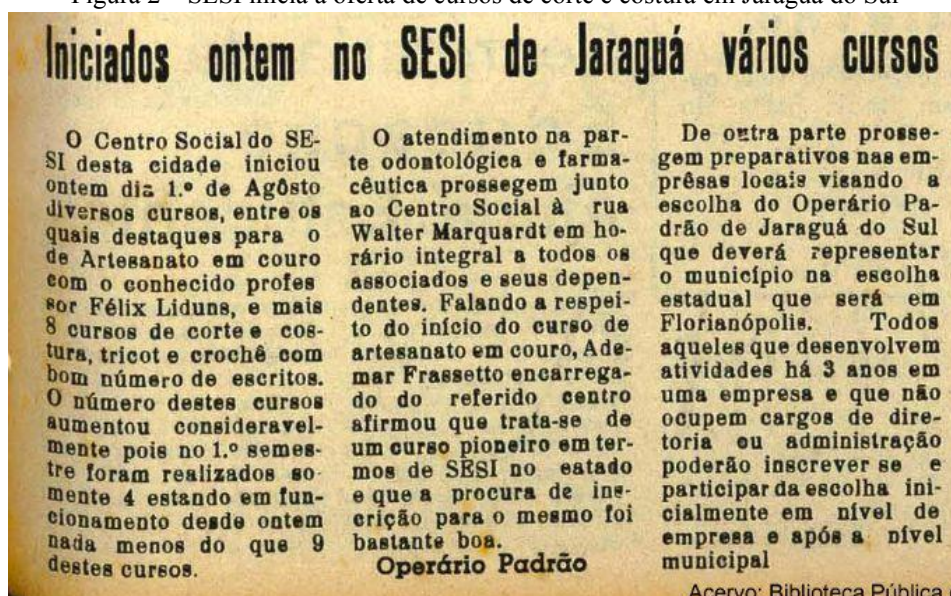
[...] A partir dos anos 1960 e 1970, Jaraguá do Sul começou a se beneficiar da proximidade com Joinville e Blumenau. Um dado importante é a existência do ramal ferroviário EFSPRG (Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande), que ligava o porto de São Francisco a Porto União e colocava Jaraguá do Sul em contato direto com o terminal portuário e a cidade de Curitiba. Isso facilitava a exportação de produtos suínos, laticínios, chapéus, óleos essenciais e bebidas. (DUCLÓS, 2015, p. 44)

A modernização industrial instaurou um novo ritmo profissional, que eleva a produção dos produtos têxteis e vestuário em larga escala, mas transforma valores, culturas, bem como, as relações e formas de aprender e empreender. Ao debruçar-se sobre os estudos de Duclós (2015), identificou-se que no ano 1954, o SENAI/SC, com unidades nas cidades de Florianópolis, Joinville, Siderópolis e Blumenau, ofertava 14 cursos, dentre eles, dois relacionados à indústria da confecção, a alfaiataria, corte e costura. Em nota, o mesmo autor destaca que a formação de alfaiate era oferecida pelo SENAI/SC para capacitar jovens em busca de melhorar as condições de vida em suas comunidades. Os cursos de corte e costura, tricô e crochê, atendiam às demandas domésticas, sem necessariamente profissionalizar o público alvo feminino. O Serviço Social da Indústria (SESI) em

⁵[...] “um exemplo é Pedro Donini, irmão do alfaiate Mário Donini, sócio da empresa Marisol e Marcos Dalprá, que inicia a ‘Empresa Dalmar’, ambas na área Têxtil” (AUED; EISSLER, 2006, p. 230). Consta ainda, que na Dalmar, empresa que fabricava calças e camisas sociais, foi criado um departamento de alfaiataria, supostamente devido à atividade de alfaiate de Marcos Dalprá.

Jaraguá do Sul, anunciava as vagas dos cursos nos jornais locais, como mostra a Figura 2, os cursos oferecidos em 1975.

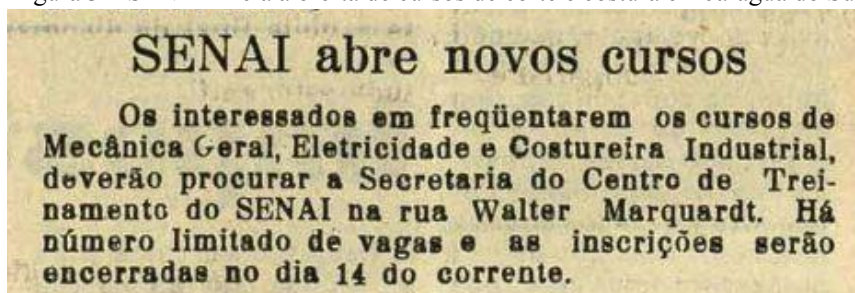
Figura 2 – Sesi inicia a oferta de cursos de corte e costura em Jaraguá do Sul



Fonte: Schmöckel (1975b, p. 1)

Na década de 1960 instituiu-se os departamentos do SENAI e Sesi em Florianópolis, com acesso e influência para a política empresarial (DUCLOS, 2015). Em 1970, Santa Catarina atinge crescimento econômico com reconhecimento em âmbito nacional, justificando-se a oferta de cursos profissionalizantes, inclusive na cidade de Jaraguá do Sul (Figura 3), como os cursos de mecânica geral e de costureira industrial.

Figura 3 – SENAI inicia a oferta de cursos de corte e costura em Jaraguá do Sul



Fonte: Schmöckel (1975a, p. 2)

Para Duclós (2015), o engajamento dos empresários ao projeto nacional da industrialização

em diversas áreas (energia, transporte, telefonia e crédito) favoreceu o desempenho exitoso de Jaraguá do Sul, da competência de empresas de médio e de grande porte da indústria do vestuário, eletrometalmecânica e de alimentos:

Principalmente as grandes, que depois dos anos 1970 definiram os rumos da economia de Jaraguá do Sul. A Malwee e a Marisol, da indústria do vestuário (setor que tinha também Menegotti, Nanette e Zanutti), a Kohlbach e a WEG, da eletrometalmecânica (incluindo Wiest, Trapp e Lombardi, entre outras) e a Duas Rodas, de alimentos (além de Bretzke, Frigumz, Sasse e as filiais da Seara, Nutrimental e Fleischman-Royal), (DUCLOS, 2015, p. 44).

Em contato com a sede institucional SENAI/JS, relativos à década de 1990, foram identificados os processos de aprovação para três cursos técnicos, pós-médio, contendo seus objetivos e perfil profissional visando atender as demandas das empresas de vestuário. Foram estes: Curso Técnico Especial em Confeção do Vestuário (1993), com a duração de quatro semestres, a carga horária total de 2.488 horas (incluindo estágio supervisionado); a reestruturação para o Curso Técnico em Vestuário⁶ (1998 - 2005), com a duração de quatro semestres, a carga horária total de 2.360 horas (incluindo estágio supervisionado); o Curso Técnico em Estilismo da Confeção Industrial⁷ (1998), com a duração de três semestres, a carga horária total de 1.875 horas (incluindo estágio supervisionado). Esse curso formava técnicos de Estilismo em Confeção Industrial, conforme ocorria no SENAI de Blumenau, ambas unidades contempladas com uma parceria junto ao Instituto Europeu de Design, Itália (IED-IT). A parceria oportunizou aulas com professores italianos que vinham ao Brasil, e contemplou alguns estudantes com bolsas de estudos para cursos de qualificação (de curta duração) no IED de Milão e Turim.

Em 1994, foi implantada uma unidade da Escola Técnica Federal de Santa Catarina - ETF-SC, no centro de Jaraguá do Sul, com os Cursos Técnicos de Eletromecânica e Têxtil Integrados ao Ensino Médio (FLORIANI, 2005). Em dezembro de 1994, a instituição passou a ser Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina⁸ - CEFET-SC (atual Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC), a instituição passou a oferecer cursos superiores de tecnologia e de

⁶Processo 146/986, parecer de aprovação nº 193/98 de 15 de maio de 1998, SENAI de Florianópolis.

⁷Processo nº 145/980, parecer de aprovação nº 192/98 de 12 de maio de 1998, SENAI de Florianópolis. Reestruturado em 2002, parecer nº 206, de 16 de abril de 2002.

⁸A lei federal de nº 8.948, de 8 de dezembro de 1994, transformava automaticamente todas as Escolas Técnicas Federais em Centros Federais de Educação Tecnológica, condicionando o ato à publicação de decreto presidencial específico para cada novo centro. No caso da Escola Técnica Federal de Santa Catarina, a transformação em Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina foi oficializada em 27 de março de 2002, quando foi publicado no Diário Oficial da União (DOU) o decreto de criação.

pós-graduação *lato sensu* (especialização). Essa foi a terceira unidade implantada no estado, e a primeira fora de Florianópolis. No segundo semestre de 1994, foi dado início às atividades letivas, com oferta da 1ª fase do Ensino Médio (o Núcleo Comum), integrados às disciplinas. No Histórico escolar consta a nomenclatura: Curso de Ensino Médio com Afinidade Têxtil, com a duração de oito semestres, a carga horária total de 3.800 horas (incluindo estágio supervisionado).

Para atender às determinações da REP/1990⁹, o Decreto nº 2208/1997, apresentava a estrutura educativa do Brasil (em retrocesso), formalizando a dicotomia entre formação geral e formação profissional, implicando na reestruturação dos cursos (FLORIANI, 2005). Em 2001, houve alterações na estrutura dos cursos integrados¹⁰, uma vez que esses foram modularizados e tornaram-se pós-médio, sendo o Curso Técnico Têxtil ofertado com a duração de um ano e meio (em quatro módulos), com uma carga horária total de 1.200 horas (incluindo estágio supervisionado). Dentre as diversas alterações legais relacionadas à educação profissional, o IFSC tem acompanhado as demandas locais e ofertado diferentes cursos na área Têxtil, de Vestuário e da Moda. Os cursos atualizados são: Curso Técnico Subsequente em Vestuário (2017, com duração de quatro semestres); o Técnico em Modelagem Industrial Integrado ao Ensino Médio (2019, com duração de sete semestres); e o Curso Superior em Tecnologia de Design de Moda (2019, com duração de sete semestres).

Mesmo o mundo do trabalho apresentando demandas para a ampliação do trabalho qualificado, segundo Floriani (2005), as interferências e interesses políticos e econômicos, provocam descontinuidades na história educacional, dualidades entre “o saber e o fazer, entre a teoria e a prática, reproduzindo a divisão entre o trabalho intelectual e o trabalho manual, com intuito de formar os futuros dirigentes e os futuros executores” (FLORIANI, 2005, p. 54). Entende-se que a trajetória das instituições do SENAI/JS e do IFSC/JS, foi o pressuposto para a construção dos cursos de graduação em Design de Moda, com oferta vigente em ambas as instituições.

Considerações Finais

⁹Após a Reforma da Educação Profissional da década de 1990 – REP/1990, provocada pela nova LDBEN nº 9.394/96, pelos decretos, pelas resoluções e pelas portarias ministeriais, seguiu-se uma longa caminhada de reestruturação curricular dos cursos técnicos existentes. (FLORIANO, 2005, p. 19).

¹⁰Resolução Ministerial CNE/CEB nº 04/1999 e Portaria nº 30, de 21 de março de 2000, determinaram que, em 2001, deveriam ser, efetivamente, separados o Ensino Médio e o Ensino Técnico, (FLORIANI, 2005, p. 83)

Para compreender o contexto histórico da educação informal dos alfaiates e a composição da escola formal profissionalizante na área de modelagem e de costura, na cidade de Jaraguá do Sul, fez-se necessário acessar dados relacionados ao desenvolvimento da indústria do vestuário, no Estado de Santa Catarina. Os documentos acessados de pesquisas *stricto sensu*, leis, livros e outras literaturas trouxeram indícios de que os imigrantes que colonizaram a região nordeste do estado, eram dotados de competências e conhecimentos técnicos na área de têxtil e de confecção.

A metodologia utilizada no ensino informal dos saberes da alfaiataria era pautada no saber fazer, no convívio diário, em uma relação próxima, entre os mestres de ofício com os seus jovens aprendizes. Os profissionais alfaiates eram do sexo masculino, permitiam que as mulheres (familiares), ajudassem em algumas etapas das manualidades ou da costura. Constatou-se poucos registros formais de modistas e costureiras, mas, as entrelinhas permitem deduzir que aprendiam o trabalho no âmbito intergeracional.

Em meados do século XX, com a pujança industrial no estado e a modernização da sociedade brasileira, estimulou a capacitação profissionalizante para a costura industrial. Um trabalho então, predominantemente executado por mão de obra feminina, essencial para o desenvolvimento econômico, porém pouco valorizado. A competência empreendedora gerou na região uma diversidade de negócios, com características como a composição de empresas com administração familiar e desenhou os fundamentos da indústria do vestuário, fatores que influenciaram a composição das instituições de ensino, na cidade de Jaraguá do Sul. Destaca-se a importância dos desdobramentos políticos, econômicos e socioculturais para a configuração educacional, iniciado na cidade, na década de 1970, por meio das capacitações do Sistema S, iniciado na cidade pelo SENAI e SESI, por intermédio da FIESC e de incentivos governamentais.

A educação técnica e tecnológica tem como característica predominante estruturar e ofertar cursos de acordo com as necessidades das empresas, como mostram indícios na escolha dos métodos educacionais para otimizar a mão de obra, a exemplo da educação por competência. A linha do tempo apresentada, permitiu visualizar as origens da formação sociocultural, a relevância das manualidades, da profissão dos alfaiates, de seus métodos e instrumentos tradicionais ainda utilizados, até os desdobramentos na educação e capacitação para a modelagem do vestuário e da costura, até a formação do Design de Moda.

Identificou-se que essa formação para a indústria, desde o princípio, vem alternando-se na dicotomia de uma educação de curto prazo, de nível técnico-operacional para operadores de maquinários e com salários baixos; ou a formação intelectualizada, de nível superior (graduação), dispendiosa, por necessitar de recursos financeiros e de tempo, que nem sempre são acessíveis.

Destaca-se como pontos limitantes da pesquisa a dificuldade de identificar fontes primárias relacionadas aos registros dos primeiros cursos ofertados pelas instituições educacionais. Pesquisas estão em curso junto aos arquivos de algumas instituições de Jaraguá do Sul. Até o presente momento, foram encontrados poucos documentos representativos ao tema desta pesquisa, configurando-se referências de literatura cinzenta (literatura institucional), com interesses que podem enviesar os resultados da pesquisa até o momento. Sugere-se então como pesquisa futura e complementar, seguir na continuidade das investigações, buscando articular a oferta de cursos com as propostas curriculares e as demandas do setor e das regiões onde eles foram ofertados.

Agradecemos a todos que tem contribuído no projeto de pesquisa interinstitucional, Grupo de Pesquisa em Moda, Artes, Ensino e Sociedade, em especial a equipe de Santa Catarina; ao Núcleo de Gestão de Design e no Laboratório de Design e Usabilidade (NGD-LDU/UFSC); e a revisão ortográfica da professora Josiane Marlise Theis de Aguirre.

Referências

AUED, Bernadete Wrublevski; EISSLER, Roberto João. **Alfaiates imprescindíveis**: imigração, trabalho e memória. Jaraguá do Sul: Design Editora, 2006. 256 p.

BEDUSCHI, Danielle Paganini. **Diretrizes para o ensino de modelagem do vestuário**. 2013. 202 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Ciências, Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BELSCHANSKY, Daniela Nunes Figueira. **Modelagem: profissão e método**. 2011. 228 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Moda, Cultura e Arte, Centro Universitário Senac – Campus Santo Amaro, São Paulo, 2011.

CINTRA, Maria Cristina. **O processo de aprendizado do ofício de alfaiate em Florianópolis (1913-1968)**. 2004. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, 2004.

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização**. 2. ed. São Paulo: Unesp; Brasília, DF: FLACSO, 2005a.

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino profissional na irradiação da indústria**. 2. ed. São Paulo: Unesp; Brasília, DF: FLACSO, 2005b.

DUCLÓS, Nei. **FIESC 65 anos: o passo à frente da indústria catarinense**. Florianópolis: Expressão, 2015.

EMÍDIO, Lucimar de Fátima Bilmaia. **Modelo MODThink: o pensamento de design aplicado ao ensino-aprendizagem e desenvolvimento de competências cognitivas em modelagem do vestuário**. 2018. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2018.

FLORIANI, Eliane Spliter. **(Des)continuidades e contradições do ensino técnico no CEFET/SC - unidade de Jaraguá do Sul**. 2005. 160 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Centro de Ciências em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/102936/213218.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 abr. 2022.

OBSERVATÓRIO FIESC. Têxtil, confecção, couro e calçados. 2020. Disponível em: <https://observatorio.fiesc.com.br/sc-em-dados/setores/textil-e-confeccao>. Acesso em: 06 maio 2022.

PETRY, Sueli Maria Vanzuita. **A fibra tece a história: a contribuição da indústria têxtil nos 150 anos de Blumenau**. Sintex, Blumenau: 2000.

SCHMÖCKEL, Eugênio Vitor (Jaraguá do Sul - SC). Fundação Artur Müller (org.). SENAI abre novos cursos. **Correio do Povo**. Jaraguá do Sul, 08 nov. 1975. p. 1-6. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/correiodopovo/1975/CDP19752859.pdf>. Acesso em: 26 maio 2022.

SCHMÖCKEL, Eugênio Vitor (Jaraguá do Sul - SC). Fundação Artur Müller (org.). Iniciados ontem no Sesi de Jaraguá vários cursos. **Correio do Povo**. Jaraguá do Sul, 02 ago. 1975b. p. 1-8. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/correiodopovo/1975/CDP19752846.pdf>. Acesso em: 26 maio 2022.